



Resultados preliminares da pesquisa na Feira Popular de Economia Solidária: Análise de Conteúdo de Bardin

Silvia Rosa da Costa Corrêa¹

Dr. Cidoval Moraes de Sousa²

Resumo

A proposta deste trabalho foi analisar os dados obtidos da pesquisa de campo preliminar, por meio do método de análise de conteúdo, desenvolvendo categorias com base no ecodesign de acordo com os pressupostos do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Para aprofundar a investigação foram necessários 3 objetivos específicos, os quais foram: 1 – Abordar o ecodesign em contexto CTS; 2 – Um recorte dos dados preliminares alcançados de uma Feira Populares de Economia Solidária na Cidade de Joinville – SC; 3 – Analisar os dados preliminares pela técnica de Análise de Conteúdo de Categoria de Bardin, com base no referencial teórico. A metodologia empregada foi a pesquisa exploratória de cunho qualitativo, um movimento de aproximação preliminar do objeto, por meio de escuta e observação, entretanto, para análise dos dados foi utilizado o método de Análise de Conteúdo de Bardin, desenvolvendo categorias com abordagem do campo CTS, a definição e origem do ecodesign. Os resultados se deram por meio da identificação das categorias criadas na transcrição dos dados coletados na pesquisa de campo.

Palavras-chave: Ecodesign; Ciência, Tecnologia e Sociedade; Economia Solidária; Análise de Conteúdo.

Preliminary results of the research at the Popular Fair of Solidarity Economy: Bardin's Content Analysis

Abstract

A The purpose of this study was to analyze the data obtained from preliminary field research using the content analysis method, developing categories based on ecodesign according to the assumptions of the Science, Technology and Society (STS) field. To deepen the investigation, three specific objectives were necessary, which were: 1 – To address ecodesign in the STS context; 2 – To analyze the preliminary data obtained from a Popular Fair of Solidarity Economy in the city of Joinville – SC; 3 – To analyze the preliminary data using the Bardin Category Content Analysis technique, based on the theoretical framework. The methodology used was exploratory research

¹ Graduado em Desenho Industrial, Mestre em Tecnologia pela UTFPR. Doutoranda em Ciência Tecnologia e Sociedade pela UFSCAR. E-mail: sil.costacorrea@gmail.com.

² Graduado em Comunicação Social pela UEPB, Doutor em Geociências-UNICAMP; Pós-doc em Sociologia da Ciência CTS pela UFSCAR. E-mail: cidoval@servidor.uepb.edu.br.



of a qualitative nature, a preliminary approach to the object through listening and observation. However, for data analysis, the Bardin Content Analysis method was used, developing categories with an approach to the STS field, the definition and origin of ecodesign. The results were obtained through the identification of the categories created in the transcription of the data collected in the field research.

Keywords: Ecodesign; Science, Technology and Society; Solidarity Economy; Content Analysis.

1 Introdução

As pesquisas em Ciência Tecnologia Sociedade (CTS) tratam sobre questões do meio ambiente e a investigação social “englobam estudos qualitativos da ciência, tecnologia e inovação, com abordagens voltadas para as análises das dimensões sociais do conteúdo da ciência, e quantitativos, frequentemente associados aos estudos cientométricos” (Martin, Nightingale e Yegros, 2012, apud Hayashi, 2014, p. 494). Essa discussão não se restringe ao campo social, mas também a interferência da produção em larga escala no meio ambiente e nas relações socioeconômicas. Como forma de buscar o menor impacto ambiental, autores do campo CTS incentivam o desenvolvimento regional e local, reconhecendo e valorizando as especificidades sociais e culturais. Contudo, o ecodesign vem sendo objeto de estudos por alguns autores do campo CTS.

Desta forma, o objetivo geral da pesquisa foi analisar os dados obtidos na pesquisa de campo preliminar, por meio do método de análise de conteúdo desenvolvendo categorias de análise, com base no referencial teórico do ecodesign de acordo com os pressupostos do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Para aprofundar a investigação foram necessários 3 objetivos específicos, os quais foram: 1 – Abordar o ecodesign em contexto CTS; 2 – Um recorte dos dados preliminares alcançados de uma Feira Populares de Economia Solidária na Cidade de Joinville – SC; 3 – Analisar os dados preliminares pela técnica de Análise de Conteúdo de Categoria de Bardin, com base no referencial teórico.

Para tanto, foi necessário o uso da metodologia de pesquisa exploratória de cunho qualitativo, um movimento de aproximação preliminar do objeto, onde os dados foram coletados de forma qualitativa constituída de observação, produção imagética (foto, vídeo) e



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



escutatória. Contudo, para a análise dos dados foi utilizado o método de Análise de Conteúdo de Bardin, desenvolvendo categorias com base no referencial teórico: 1) Abordagem do campo CTS; 2) A definição e origem do ecodesign. No primeiro ponto, em perspectiva CTS foi observado as sugestões de Bruno Latour ao ecodesign, como: reelaborar, observar sob a ótica do outro, considerar os atores envolvidos, além das questões pertinentes à conflitos, interesses e poder político. Incluindo os aspectos de cooperativismo e associação da economia solidária. No segundo ponto, as definições do ecodesign apontadas por Manzini e Vezzoli (2016) e o Ministério do Meio Ambiente no Brasil (MMA, 2009), que levam em conta as fases do ciclo de vida de produtos (extração, produção, uso, disposição final) e os 5 Rs (Reduzir, Reutilizar ou reaproveitar, Reciclar, Repensar, Recusar), além do uso de materiais biodegradáveis e naturais, entre outros. E um retorno à origem do design com o movimento *Arts and Crafts* de Willias Morris valorizando manual e o artesanato, e as ideias de Victor Papanek precursor do ecodesign.

Vale ressaltar que, o resultado aqui apresentado foi um pequeno recorte da pesquisa maior, com a seleção de produtos expostos nas duas feiras visitadas, dentre as demais feiras populares de economia solidária na cidade em pesquisa.

2 O Ecodesign em Perspectiva ao Campo CTS

Um dos autores do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) que melhor contextualiza o ecodesign é Bruno Latour, no texto “Um Prometeu Cauteloso? Alguns passos rumo a uma filosofia do design” (Latour 2008), ampliou o conceito de design em 5 formas distintas. Além disso, apontou que os Estudos em Ciência e Tecnologia (ECT) questionam a forma e a função do design, com questões complexas e contraditórias nos conflitos entre humanos e não humanos, demonstrando que os artefatos têm política, quando diz: “(...) não há objetos, mas somente coisas e agrupamentos em disputa” (Latour, 2008, p.10). Ao defender essa mesma ideia, Winner (2017 p. 197) afirma que vários sistemas técnicos estão interligados com a política moderna e são percebidos no sistema social ou econômico da tecnologia,



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



quando “(...) os arranjos físicos da produção industrial fizeram com que os artefatos técnicos tivessem qualidades políticas”.

Com bases nesses argumentos, percebe-se que os artefatos são constituídos por interesses já pré-determinados e estabelecidos por agentes dominantes do sistema econômico capitalista. Grandes corporações ou mercado financeiro, que em suas atividades excluem grande parte da população e que somente servem aos seus interesses.

Portanto, é possível considerar que os artefatos são constituídos por interesses já pré-determinados e estabelecidos por agentes dominantes do sistema econômico capitalista. Grandes corporações ou mercado financeiro, que em suas atividades excluem grande parte da população, em contrapartida, Singer (2002) aponta a economia solidária como uma resposta à incapacidade de integração dos indivíduos ao capitalismo. Para o autor, supracitado, a economia solidária considera a igualdade entre os membros de uma sociedade, ao contrário da competitividade, isto é, que se guie pela cooperação entre os membros da atividade econômica. Ao compartilhar o mesmo pensamento Dagnino (2019 p.11), define a economia solidária como “(...) um espaço constituído por redes de produção e consumo baseadas na propriedade coletiva dos meios de produção e na autogestão capaz de expandir-se e adquirir sustentabilidade no âmbito de uma economia capitalista periférica”.

No contexto da sociedade capitalista, a economia solidária poderá atenuar a exclusão social no sentido de reverter o quadro econômico das redes de empreendimentos solidários, como as cooperativas, as associações e as demais formas de trabalho coletivo, que são essenciais para um estilo de desenvolvimento mais justo e ambientalmente correto (Dagnino, 2019). Para Paul Singer (2004) a economia solidária busca novas forças produtivas que respeitem a natureza, com base nos aspectos ambientais e de inclusão social com autogestão, mas sem rejeitar os avanços tecnocientíficos.

Neste sentido, o Ecodesign segundo os pressupostos do campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade surge como uma alternativa para contribuir neste processo, como uma tecnociência engajada que viabilize a produção e criação de artefatos para a Economia Solidária. Para tanto, seria necessária uma adequação sociotécnica, tratada pelo professor



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



Dagnino, juntamente com as considerações e sugestões de Bruno Latour (2008) na reelaboração do ecodesign e suas reflexões sobre a crise ambiental. Além dos conceitos, Latour (2008) sugere aos designers considerar as questões de conflitos e poder político na elaboração dos projetos de ecodesign, e que isso, poderia contribuir para minimizar os efeitos da crise ambiental. Contudo, as definições tradicionais da literatura sobre ecodesign tratam de questões mais tecnológicas.

Uma dessas definições é apresentada pelo Ministério do Meio Ambiente no Brasil (MMA, 2009), definindo o ecodesign como: o processo que contempla os aspectos ambientais, cujo principal objetivo seja projetar ambientes, desenvolver produtos e executar serviços que reduzirão o uso dos recursos não renováveis ou, ainda, minimizar o impacto ambiental durante seu ciclo de vida. Neste mesmo sentido, Manzini e Vezzoli (2016, p. 22) definem o ecodesign como: “o projeto de novos produtos-serviços intrinsecamente sustentáveis e a proposta de novos cenários que correspondam a estilos de vida sustentáveis”. Nesta, a expressão ecodesign incorporou as dimensões da sustentabilidade (ambiental, social, econômica).

Manzini e Vezzoli (2016) apontam algumas metodologias para o Ecodesign: como a consideração do Ciclo de Vida de produtos/processos/serviços no desenvolvimento do produto, com objetivo de avaliar ambientalmente as etapas de extração, produção, manufatura, distribuição e descarte. Também o design de sistema, onde o produto está disposto ao usuário como serviço podendo ser compartilhado entre os indivíduos, como no sistema de lavanderia ou aluguéis de carro, entre outros. Isso possibilita a redução da matéria prima e processos produtivos, com o compartilhamento dos produtos por um maior número de pessoas.

Observa-se que nas duas definições tradicionais acima, o ecodesign restringe-se as questões tecnológicas e não são abordadas as considerações de Latour (2008) sobre: conflitos, interesse, poder político; a consideração do olhar do outro; e de todos os atores envolvidos no processo. Percebe-se que o ecodesign é fruto da tradicional ciência e tecnologia, mas Latour (2008) acredita que não precisamos abandonar tudo o que existe sobre o tema, mas que será



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



necessário um redesign, isto é, reelaborar o ecodesign para identificar as questões de interesse e de política.

No entanto, O surgimento do Design se deu pela valorização do artesanato e da associação coletiva (sindicato) com o movimento *Arts and Graft* (Artes e Ofícios) criado pelos ingleses John Ruskin (1819–1900) e Willian Morris (1834–1896), ambos críticos de arte, escritores, poetas e desenhistas. Também militavam em movimentos políticos socialistas e faziam fortes críticas ao sistema capitalista, à industrialização e, principalmente, à divisão social do trabalho. Ruskin se aproximou das correntes cooperativistas e sindicalistas, já Morris fundou a Liga Socialista, em 1884 (Bürdek, 2006; Denis, 2006; Matias, 2014).

Morris foi quem teve maior participação no movimento *Arts and Crafts*, unindo as teses de Ruskin e Karl Marx. Contudo, Ruskin foi influenciado pelo estilo de trabalho das guildas medievais e o estilo da arte gótica na arquitetura. Esses valores, unidos com a tese socialista de Karl Marx, foram a base para criação do movimento *Arts and Crafts*. Defendia um design em que o produto fosse parte de uma arte feita, pelo povo e para o povo, com intuito do operário participar de todo o processo de produção artesanal (Matias, 2014).

No final dos anos 1960, surgem movimentos de crítica social nas artes, na arquitetura e no design como precursor o Victor Papanek com a proposta de afastamento da produção em série, influenciou fortemente a criação de produtos ecológicos. Na década 1970, as ideias sobre ecologia humana, tecnologias alternativas e responsabilidade social no campo do Design ganham atenção com a publicação do livro *Design for the Real Word*, no ano de 1971, pelo designer Victor Papanek. Além disso, houve o livro *Small Is Beautiful*, publicado em 1973 por E. F. Schumacher, que em português foi traduzido como O Negócio é ser Pequeno. (Bürdek, 2006).

Papanek (1971) fazia uma crítica ao design em relação aos efeitos causados ao meio ambiente. Questionava a forma tradicional de se fazer design e a propriedade intelectual, sugerindo alternativas de projetos benéficos ao meio ambiente e de soluções para problemas sociais. Para isso, seria necessário que o designer renunciasse ao direito autoral sobre o projeto.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



Essas reflexões serviram de base para uma pesquisa de campo inicial nas feiras de economia solidária na cidade de Joinville no Estado de Santa Catarina, na intenção de buscar informações que auxiliasse a reconstrução de um ecodesign engajado com bases nas ideias de Latour, Winner, Dagnino, Singer, Morris e Papanek. Desta forma, os dados observados e registrados estão sendo apresentados a seguir.

2.1 Relação com a sessão temática GT1 – Mecanismos e dinâmicas regionais, territoriais e rurais.

As discussões englobam não só as questões relacionadas ao campo social e a economia solidária, mas também a interferência da produção em larga escala no meio ambiente e nas relações socioeconômicas. Como forma de buscar o menor impacto ambiental, autores do campo CTS incentivam o desenvolvimento regional e local, reconhecendo e valorizando as especificidades sociais e culturais.

Na presente pesquisa, ao relacionar os dados coletados com o referencial teórico, o ecodesign quando se aproxima do artesanato, tradicionalmente considera a dimensão social da sustentabilidade, a geração de renda, o trabalho manual, a valorização dos saberes locais. Entretanto, não considera aquilo que a Economia Solidária e Tecnociência Solidária mais prioriza, que é a propriedade coletiva dos meios de produção, como abordado por Dagnino (2019), além das tecnologias democráticas, defendidas por Winner (2017), as quais são considerações fundamentais para a adequação socio técnica do ecodesign.

Os dados obtidos, dialoga com os estudos em CTS, possibilitando um redesenho, como propõe Latour (2008), ao pensar no agrupamento das “coisas”. Isso acontece, por exemplo, com a observação dos artefatos e dos produtos na feira, a visão do ecodesign sobre eles e os apontamentos sobre as dificuldades das artesãs.

2.2 Método de análise dos resultados baseado na Análise de Conteúdo Bardin



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



Várias são as possibilidades e técnicas de análise de dados qualitativos, contudo, análise de conteúdo é amplamente utilizada nas pesquisas sociais, por meio de entrevistas, questionários, observação, etc. A análise de conteúdo capta aquilo que os sujeitos compreendem em relação ao tema, “não é medido pela nomeação do tipo de pesquisa, mas pela descrição clara e pormenorizada do caminho seguido pelo pesquisador para alcançar os objetivos e pela justificativa das opções feitas neste caminho” (BARDIN, 2013, p. 96).

Tem como objetivo explorar os sentidos e significados atribuídos pelos respondentes a respeito de um tema, problema e/ou fenômeno, a partir da sistematização rigorosa e estruturada em um conjunto de técnicas de análises (Bardin, 2016). Para Minayo (2014) essa técnica de análise é reconhecida e amplamente aplicada em pesquisas sociais, por pesquisadores que buscam a compreensão dos significados da fala, transpondo os critérios das palavras para construir uma interpretação, mas com base no referencial teórico. Contudo, é por meio da codificação, que se faz a categorização proposta por Bardin (2016, p. 147). “(...) uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos”. Além disso, para o autor supracitado, a categoria precisa estar adaptada ao referencial teórico e ao material de análise escolhido. Sendo necessário tratar os resultados e a interpretação a partir de uma inferência (significação e código), quando no processo interpretativo atribui sentido e significado às manifestações encontradas, dialogando com bases teórico.

Desta forma, a presente pesquisa optou pela metodologia de Análise de Conteúdo de Bardin (2016) utilizando-se da técnica da Análise Categórica, em que foi possível construir a Tabela 1 com as Categorias desenvolvidas a partir do referencial teórico. Sendo possível a análise dos resultados obtidos na observação e diálogo na pesquisa de campo, descrita a seguir.

Para análise dos resultados foi desenvolvido a tabela 1, por meio da análise de conteúdo de Bardin, que tem como técnica de análise categórica. Foi possível desenvolver categorias de análises segundo o referencial teórico, da seguinte forma: Na primeira coluna da



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



tabela 1 foi descrito os campos, os quais são: Ciência, Tecnologia e Sociedade; Ecodesign; Design. Em sequência os autores segundo o referencial teórico respectivamente com seus conceitos, e na última coluna as Categorias desenvolvidas.

Tabela 1: Classificação das categorias com base no referencial teórico.

CATEGORIAS OU CLASSIFICAÇÃO COM BASE NO REFERENCIAL TEÓRICO			
Campo	Autores	Conceito	Categoria
Ciência Tecnologia e Sociedade	Bruno Latour (2008)	Redesigne; Considerar o olhar do outro; Coisas em disputa; Questões de fato e interesses; Conflitos e interesses políticos; Crise ecológica.	• Redesigne; • Considerar o olhar do outro; • Coisas em disputa; • Conflitos e interesses; • Crise ecológica.
	Econômica Solidária; Dagnino (2019) Singer (2002)	Cooperativismo; Associação Coletiva; Distribuição de lucros; Uso coletivo dos meios de produção.	• Cooperativismo; • Associação Coletiva; • Artesanato.
	Tecnociências Solidária Dagnino (2019)	Adequação Sociotécnica; Cooperativismo; Associação Coletiva; Distribuição de lucros; Uso coletivo dos meios de produção; Uso coletivo das tecnologias; Ferramentas e máquinas.	• Uso coletivo dos meios de produção; • Uso coletivo das tecnologias, ferramentas e máquinas.
Ecodesign	Manzini e Vezzoli (2016)	Ciclo de Vida de Produtos; 5 Rs (Reduzir, Reutilizar ou reaproveitar, Reciclar, Repensar, Recusar); Materiais biodegradáveis; Design de sistemas e Design compartilhado, (uso coletivo dos produtos) foco no pagamento do serviço, redução do material.	• Ciclo de Vida; • Reduzir, Reutilizar ou reaproveitar, Reciclar, Repensar, Recusar; • Biodegradável. • Design de uso coletivo ou compartilhado.
	Papanek (1971)	“Faça você mesmo”; Valorização do artesanato ou fazer manual; Livre de patentes registradas; Uso coletivo dos projetos e gratuito; Tecnologia intermediária (máquinas e ferramentas semi-industriais).	• Artesanato e fazer manual; • Patentes livres; • Uso coletivo de projetos; • Tecnologia intermediária.
Design	Willian Morris (Arts and Crafts, 1880)	Valorização do artesanato ou fazer manual; Sem divisão de tarefas; Distribuição de lucros; Fortalecimento da associação coletiva (sindicato); Uso coletivo das ferramentas e máquinas.	• Artesanato; • Unificação do processo; • Associação coletiva; • Uso coletivo de máquinas e ferramentas;

Fonte: Elaborada pelos Autores



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



3 Resultados e Discussões

A primeira etapa da pesquisa foi realizada de forma que se aproximasse a pesquisadora e os atores envolvidos nas Feiras Populares de Economia Solidária no município de Joinville, SC. Isso permitiu coletar dados qualitativos com diálogo informal, além da observação do ambiente, dos produtos e artefatos. Tendo como base o ecodesign, isto é, aspectos gerais de sustentabilidade, tecnologias utilizadas, processos de fabricação e aspectos estéticos e conceituais. Nesta pesquisa, foi mantido sigilo dos entrevistados e do local das Feiras, desta forma, iniciou-se a visita em conversa informal com as artesãs/artesãos explicando a pesquisa. As observações e diálogos estão descritos na Tabela 2 abaixo:

Tabela 2: Descrição do diálogo e observação da etapa preliminar da coleta de dados:

	DIÁLOGO COM OS ARTESÃOS	OBSERVAÇÃO
A	Artesã, faz vários objetos de decoração de casa e de uso pessoal, tais como: canecas decoradas, vasos com flores, porta panos, bonecas decoradas, chaveiro e toparias. As ferramentas para fabricação são simples, como alicate, serra, lixa d'água, cola e tinta. Reutiliza vários tipos de utensílios, como garrafas pet, vasos de plástico e embalagens, que compra dos catadores de lixo reciclado. Também reutiliza sacolas de papel para colocar os artesanatos, as quais são arrecadadas por uma artesã responsável pela coleta e distribuição ao grupo. O único material que não é reaproveitado é o EVA, que faz o formato das rosas para a decoração. Sua única fonte de renda é o artesanato. Orienta o consumidor sobre a importância da reciclagem e utiliza um broche em seu avental sobre as campanhas de orientação ao público, como setembro amarelo de prevenção ao suicídio, outubro rosa sobre a conscientização do câncer, e demais meses. Relatou que participa de reuniões semanais e vota para as decisões sobre a organização da feira. Disse que a maior dificuldade é a estrutura física, a barraca, pois não é adequada para suportar ventos fortes e chuva. Comentou que, no local, não há muita circulação de pessoas, o que prejudica muito as vendas. Percebe as dificuldades das outras artesãs que não conseguem carona, pois muitas não possuem carro ou dinheiro suficiente para pagar o transporte.	A estrutura é composta por uma barraca grande, unida por duas estruturas de alumínio e fechada com plástico. Pendura alguns produtos por ganchos e outros ficam sobre a mesa de madeira ou no próprio chão. As peças de artesanato são muito bem elaboradas, ricas em detalhes, as quais são fabricadas considerando o ciclo de vida da extração até o descarte da peça e nos 3 R: reciclar, reutilizar e reduzir. A artesã compreende a importância da reciclagem para o meio ambiente e sempre procura desenvolver as peças pensando nos aspectos de reciclagem e reutilização dos materiais.
B	Artesã e conselheira do grupo. Faz reaproveitamento de roupas com tingimento natural, cujas tintas, naturais, são fabricadas por ela. Trabalha também com roupas novas, usando várias técnicas de pintura em tecido. Utiliza tecido de	O material de divulgação é muito simples e não possui informação sobre a feira de economia solidária para o público. Tem consciência também sobre



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS

5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



	algodão por ser natural e não causar danos ao meio ambiente. No conselho do grupo de artesãos, participa e vota nas decisões semanais. Comenta que pretendem fazer uma associação de artesãos de economia solidária, que ainda não existe. Disse que a feira deveria receber mais incentivos públicos, como verbas para compra de estruturas, para auxiliar as demais artesãs que não têm transporte ou dinheiro para pagar o uber para levar suas peças. Outra dificuldade é que muitas pessoas não têm tendas e precisam pedir ao colega para expor. Além disso, no geral, o que mais os artesãos precisam é de um local fixo, com cobertura forte o suficiente para aguentar o clima da região, pois, assim, a feira aconteceria todos os dias. O material de divulgação é feito pelo grupo, e as artesãs, em conversa com cliente, relatam a importância da economia solidária.	as etapas de extração de matéria-prima, o processo, consumo e depois o descarte dessas peças. Compreende o ciclo de vida, da extração até o descarte da peça e nos 3 R: reciclar, reutilizar e reduzir. Sua estrutura de barraca é de plástico e alumínio, possui araras adequadas para a exposição das peças. Seu trabalho de tingimento natural é muito interessante, possui várias técnicas específicas de tingimento e em cada peça faz relevos e decalque de folhas, sementes, criando temas de pintura com o tingimento.
C	É costureira, artesã e trabalha com a técnica de patchwork. Confecciona tecidos, bonecas de pano, carteiras, bolsas, mochilas, entre outros itens. Participa de feiras em outros locais da cidade e na região metropolitana. Tem dificuldade para comprar material, pois não existe um incentivo para os artesãos, como promoções e descontos. Disse que o que mais os artesãos precisam é de uma divulgação que alcance o público, a qual precisaria ser semanal e intensificada nos dias de feira. Ela faz a divulgação em suas redes sociais e outros grupos, mas acha que é não é o suficiente por não alcançar o público em geral.	Os artesanatos apresentam muitos detalhes, texturas diferentes e são de ótimo acabamento. Variedade e composição de formas e cores, além da diversidade dos materiais. Sua estrutura de exposição é uma mesa grande, e sua estrutura de barraca, como as demais, plástico e alumínio.
D	É artesã, faz peças, acessórios e presilhas de cabelo para crianças. Utiliza tecidos, fitas e massa de biscuit, feita em moldes. Foi a primeira vez que estava expondo nesta feira, mas tem experiência em outras. Disse que não gostou muito da experiência pelo local da feira, pois no ponto não há muita circulação de pessoas. Comentou que as pessoas que estão no conselho da organização não consideram a opinião dos demais participantes. Disse, ainda, que precisaria levar o filho e uma das regras da prefeitura é a proibição aos artesãos de levarem crianças.	A estrutura de exposição é como as demais, no entanto vende em outros locais dentro do próprio carro. Suas peças são muito ricas em detalhes, com variedade de cores e tonalidades. Cria composição com as cores e uma variedade de figuras e temas de personagens diversos, utilizando moldes, nunca repete as mesmas peças; são sempre exclusivas. Percebe-se a sua experiência em artesanato pelo ótimo acabamento.
E	É artesã e costureira. Faz peças pequenas de pano com costura à mão e na máquina de costura, como chaveiros, carteiras e acessórios para casa. Também trabalha com resina natural, para peças de colares e pulseira, fibras e plantas naturais. Também faz colar de fio de crochê com pigmentos naturais (ervas verdes, casca de cebola e outros vegetais). Relatou que a prefeitura não ajuda os participantes. Disse, ainda, que é preciso mais movimento e boa divulgação, pois, com as vendas por aplicativo, as pessoas deixaram de ir às feiras e estão comprando pela internet. Quando visitou a cidade de Gramado, viu que havia uma rua toda coberta com estrutura firme para aguentar ventos e chuvas fortes, a qual era usada só por artesãos, e um de seus desejos é que em	São peças de artesanato com muito detalhe e com ótimo acabamento, composição de cores e variedade de materiais dentro das peças que são feitas por resina. Sua estrutura de barraca como as demais, as peças estão expostas em uma mesa com suportes sobre ela para expor os artesanatos.



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



	Joinville poderia ter esse tipo de cobertura, o que deveria ser realizado pela a prefeitura.	
F	É cozinheira de culinária da cultura alemã e dona de uma padaria. Utiliza a gastronomia da cultura local para produzir cucas, tortas doces de origem alemã. Disse que não necessita de nada, pois consegue vender muito fácil. Já possui vários clientes naquele local, que todas as quintas ela consegue vende tudo que está expondo.	Na estrutura para exposição, havia 3 bandejas para degustação aos visitantes da feira. Utiliza <i>dirndl</i> , traje feminino típico da cultura alemã. A embalagem é padrão, e o diferencial é a receita e a fabricação, conhecida por ser uma das cucas mais saborosas da cidade.
G	É artesã, produz artesanato para crianças, como laços e fitas para prender cabelo. Comentou que é preciso uma estrutura adequada para os artesãos exporem diariamente, pois as que eles têm são frágeis, e o vento forte derruba, dificultando o trabalho.	A estrutura é composta por mesa simples de plástico, sem cobertura e sem barraca. Havia poucas peças de exposição, no entanto, seu trabalho possui variedade de cores e formas, voltado para o público infantil.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Com base na Tabela 1 e com as observações e conversas (Tabela 2) com as artesãs/artesãos, foi possível identificar as preocupações sobre as questões ambientais nos processos produtivos dos artesanatos. Ao escolher a matéria-prima, rejeitam aquelas prejudiciais ao meio ambiente e optam por materiais orgânicos ou reciclados para os processos de fabricação e nas implicações do descarte, adequando os produtos desenvolvidos.

Outros aspectos do ecodesign foram identificados na prática da confecção dos artesanatos, não de forma teorizada como na literatura, mas incorporado como um saber popular. Desta forma, foi observado que os entrevistados compreendem o pensamento em ciclo de vida do produto, da extração ao descarte, de fato, há preocupações ambientais no momento que estão produzindo o artesanato. Além disso, utilizam os princípios dos 5 Rs (Reduzir, Reutilizar ou Reaproveitar, Reciclar, Repensar, Recusar) na criação e fabricação dos artesanatos. Em sua maioria são engajados em movimentos sociais, tais como: causa animal; feminismo; sindicalista; e discriminação de mulheres negras. Além de confeccionarem e criarem a maior parte das suas ferramentas, poucas são de adaptações que faz de utensílios domésticos.

Sobre as Feiras de forma geral, além das informações citadas acima, foi observado dificuldade em relação à organização e à falta de apoio institucional. Tanto pelo diálogo quanto pela observação foi possível concluir que: não há divulgação e nem comunicação efetivas com



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



a sociedade sob a ótica do design, isto é, seria necessário elaborar materiais gráficos e planejamentos de campanha de divulgação e marketing. Outro ponto importante diz respeito à estrutura do local, pois as barracas de proteção não são adequadas ao clima da região, são fracas, e qualquer vento e chuva mais forte faz com que a feira seja rapidamente desfeita ou cancelada com antecedência.

Ainda sobre os aspectos que se relacionam com o ecodesign na prática, ao relatarmos que: tomam muito cuidado ao extrair a matéria-prima para não prejudicar a natureza; atuam de forma ativa na recuperação ou conservação dos materiais naturais utilizados; sabem escolher processos e materiais não prejudiciais ao meio ambiente; e reutilizam materiais que foram descartados. Como também, o protagonismo feminino, o engajamento em causas sociais e a consciência as questões ambientais. Observou-se que artesãs/artesãos possuem várias adaptações ou criam suas próprias ferramentas para confecção dos produtos, além das adaptações para proteção com as barracas e guarda-sol. As dificuldades encontradas estão relacionadas: a não adequação das estruturas de proteção (barracas) com o clima da região; ao local disponibilizado; e a falta de apoio institucional de órgãos públicos.

Desta forma, as considerações do campo CTS para o ecodesign apontam elementos que caracterizam aspectos de inovação, principalmente sobre as considerações de Latour sobre a identificação de questões de poder e conflito, na sua proposta de reelaboração do ecodesign pelo olhar do outro considerando os atores envolvidos

4 Considerações finais

Pode-se concluir que, foi um movimento de aproximação preliminar do objeto por meio da avaliação dos dados pelo método de Análise de Conteúdo com o desenvolvimento de Categorias de Análise. Isso, permitiu identificar alguns achados, tais como: 1) a consciência da sustentabilidade da produção dos artesanatos; 2) nos aspectos estéticos considerando equilíbrio de cores e formas, além das características da cultura popular e regional inseridas nas peças; 3) o processo de articulação e organização da feira não é feita pelas



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



artesãs/artesãos, e sim decidida pelos integrantes do sindicato, isso se contradiz com os princípios da economia solidária sobre a organização ser de forma coletiva; 4) foram identificados o protagonismo feminino e o engajamento em causas sociais.

Além disso, ao relacionar os dados obtidos com o referencial teórico, foi observado um diálogo com os estudos em CTS, na possibilidade de um redesenho do ecodesign, como propõe Latour (2008) sobre o agrupamento das “coisas”. Isso acontece, por exemplo, com a observação dos artefatos e dos produtos na feira, a visão do ecodesign sobre eles e no os apontamentos das dificuldades artesãs/artesãos.

O ecodesign quando se aproxima do artesanato relembra a sua origem no movimento *Arts and Crafts* de Willias Morris e Victor Papanek, ao considerar a geração de renda, o trabalho manual, a valorização dos saberes locais e a dimensão social da sustentabilidade. Entretanto, não considera aquilo que a Economia Solidária e Tecnociência Solidária mais prioriza, que é a propriedade coletiva dos meios de produção, como abordado por Dagnino (2019), além das tecnologias democráticas, defendidas por Winner (2017), as quais são considerações fundamentais para a adequação socio técnica do ecodesign.

Referências Bibliográficas

BÜRDEK, Bernhard E. **História, teoria e prática do design de produtos**. Tradução Freddy Van Camp. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

DAGNINO, Renato. **Tecnociência solidária: um manual estratégico**. Marília: Lutas Anticapital, 2019. 161 p.

DENIS, Rafael Cardoso. **Uma Introdução à História do Design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2000. 240 p.

LATOUR, Bruno. **Um Prometeu Cauteloso?: alguns passos rumo a uma filosofia do design**. (com especial atenção a Peter Slotedijk). in: Agitprop: revista brasileira de design, São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago. 2014.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



MATIAS, Iraldo Alberto Alves. **Projeto e revolução: do fetichismo à gestão, uma crítica à teoria do design**. 357 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Florianópolis, Campinas, SP, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa Qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2014.

MORRIS, William. **Notícias de Lugar Nenhum: ou uma época de tranquilidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

PAPANEK, Victor. **Design for the Real World: human ecology and social change**. Londres: Thames and Hudson, 1971.

VALLE, Paulo Roberto Dalla.; FERREIRA, Jacques de Lima. **Análise de Conteúdo na Perspectiva de Bardin: Contribuições e Limitações para a Pesquisa Qualitativa em Educação**. REVISTA *SciELO Preprints*, 2024. Disponível em:
<<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7697>>. Acesso em: 26 de junho de 2025.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**/Paul Singer- 1ª-ed.-São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

WINNER, Langdon. **Artefatos têm política?** Tradução Debora Pazetto Ferreira; Luiz Henrique de Lacerda Abrahão. *Analytica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 195-218, 2017.